

4. Genealogia de Copacabana

4.1 A escrita das cidades



A verdade é que tudo ali existe em função da praia. Foi a praia que valorizou o chão, foi a praia que ergueu os arranha-céus. A praia criou aquela mocinha queimada e de óculos escuros, que fala uma linguagem que você, da Tijuca ou de Madureira, não compreenderá. Bars, cassinos, homens de terras distantes, americanos alegres e austríacos enterrados na sua melancolia, casas de antiguidades, atletas e cocktails – tudo isso é fruto da praia. Prestem bem atenção a essa coisa importante: a Tijuca também é lugar onde se mora e se vive, mas lá o chão não está espetado de arranha-céus e penso que a bebida que ainda hoje predomina, nas suas casas e nos seus bares, é o bom e amigo leite doméstico.

Copacabana: janela para o mar. Joel Silveira, *O Cruzeiro*, 29 mar. 1943, p. 14 a 17.

Como imaginar a configuração geográfica e humana que uma cidade apresentou outrora? Algumas das possíveis formas certamente usam textos que contam a cidade na voz de seus poetas, através dos percursos que os atores/personagens firmaram ou das polêmicas que os jornais levantaram. O discurso da imprensa sobre a cidade e as relações que a cidade permite estabelecer entre os seus habitantes são nossa matéria. As reportagens, as crônicas de costumes, os romances e tragédias que nela têm lugar falam metaforicamente a cidade porque trata-se de “pensar em uma espécie de ecossistema onde amores, ódios, projetos, ideais e ilusões se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional”.⁶⁹

O fato de o Rio de Janeiro ter se constituído em espaço de atração para intelectuais vindos de todo o país viria a facilitar e potencializar as possibilidades de comunicação da cidade e de “nacionalização” de seus estilos e valores, propostos e reconhecidos como civilizadores, segundo Ângela de Castro Gomes, para quem o intelectual “carioca” foi aquele que “construiu, na cidade, a sua rede de sociabilidade fundamental, independentemente de onde tenha nascido”.

O conceito de redes, espaços e lugares de sociabilidade é delimitado pela autora na construção conceitual de *Essa gente do Rio* como remetendo a

69 GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...* p. 20

... estruturas organizacionais mais ou menos formais, tendo como ponto nodal o fato de se constituírem em lugares de aprendizado e de trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de fermentação e circulação de ideias. (GOMES. 1999:19-20)

Os microcosmos secretados nestas redes envolvem as relações pessoais e profissionais de seus participantes, permitindo que os espaços de sociabilidade sejam tanto geográficos quanto afetivos.

Ao aplicar o conceito de espaços de sociabilidade ao objeto temático “Copacabana em 1940”, destacam-se, deste universo particular, diferentes microcosmos: um ambiente solar, do banho de mar e do *footing* nas calçadas, a que denominamos “praia”, que tem por ator/personagem “a banhista”, assim mesmo, no feminino; um ambiente feérico, noturno e público, dos cassinos e bares, que gira em torno do *glamour* e tem por ator/personagem *girls* e *movie stars*; e um outro, identificado com um comportamento que se chama “elegância” e que gira em torno dos salões do Copacabana Palace, tendo por ator/personagem “a senhora”. Estes microcosmos e seus personagens formam os ecossistemas com seus comportamentos próprios, que são objeto da imprensa da época.

O fato que acontece nas ruas torna-se notícia construída nas redações das revistas e jornais. A interpretação da notícia a leva de volta às ruas como fato. Do entrecruzamento de falas constrói-se uma cidade múltipla de significados, uma cidade-corpo, cujos redutos e artérias formam um sistema de informações articulado, uma linguagem.

Roland Barthes levanta a possibilidade de uma semiótica da cidade, na qual os seus espaços humanos e urbanos são elementos significantes e em que as diferentes cargas semânticas que recebem de suas histórias, os limites geográficos e nomenclatura de suas partes, suas funções e elementos tecidos, constroem sua significação.

A cidade é um discurso e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. (BARTHES, 2001:224)

É preciso ter em conta que não há significados estabelecidos,

... os significados são como seres míticos, de uma extrema imprecisão e, em dado momento, tornam-se sempre os significantes de outra coisa: os significados passam, os significantes ficam. (BARTHES, 2001:226)

O lugar vazio do significado, a possibilidade infinita do significado, é o que deve ser considerado. Assim, e ainda segundo o Mestre, o melhor modelo para o estudo semântico da cidade seria fornecido pela frase do discurso, uma vez que, como escreve Victor Hugo em *Notre-Dame de Paris*:

A cidade é uma escrita e seu usuário uma espécie de leitor que, segundo as suas obrigações e os seus deslocamentos, recolhe fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo. (BARTHES, 2001:228)

A abordagem semântica do espaço se dá por metáforas. A cidade é, em si, uma metáfora.

Em qualquer complexo cultural ou mesmo psicológico, encontramos-nos diante de cadeias infinitas de metáforas cujo significado está sempre em recuo ou se torna ele próprio significante. (BARTHES, 2001:228)

Os signos são compreendidos não mais como correspondência regular entre significante e significado, mas como organização significante sintagmática ou paradigmática no mundo das correlações e dos significantes; as diversas leituras de diferentes leitores elaboram uma língua, o habitante da cidade vai construindo significados à medida em que a percorre. Para apreender a cidade em sua riqueza, é preciso buscar a expansão do significante⁷⁰ nas narrativas.

Não se pode deixar de associar, aqui, a figura do *flâneur*, de Baudelaire, que percorre a cidade para experienciá-la. Cosmopolita, o *flâneur* não tem um lugar demarcado nas estruturas fixas da vida social. É um ser das passagens e da mobilidade, cuja atividade hesita entre definir-se como “esporte” ou como “arte”, e para a qual se requer “espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível”. O prazer do *flâneur* está no enriquecimento do seu mundo interno através da variação na sua

70 Idem, p. 231

experiência, aproximando-se assim do ideal do indivíduo diferenciado romântico.⁷¹

Como ilustra Carvalho,

Como seres urbanos somos, então, “autores” da nossa cidade, construtores permanentes da sua significação e da sua personalidade. Pois nada há nela que não tenha sido fruto da nossa “imaginação produtiva”, isto é, de um tipo de imaginação que, como a das crianças, a dos contadores de histórias ou a dos consumidores de haxixe, se rende à propriedade mágica que as coisas têm de manter afinidades entre si, conduzindo-nos, pela trilha do acaso e das associações livres, rumo à escritura daquela paisagem. (CARVALHO. 1995:96-7)

A metrópole contemporânea, paralelamente a uma reorganização do espaço, às transformações na economia e na vida política, na sua constituição e natureza, está indissolúvelmente associada a modos específicos de recortar e construir a realidade. Ela é consequência, e simultaneamente causa, de novas visões de mundo, com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo.

Para Maria Alice Rezende de Carvalho, as formas das sociedades e suas culturas podem ser percebidas como equivalentes “permitindo que leiamos a sociedade ao ler o mapa de uma cidade”, a exemplo do trabalho de Angel Rama, que definiu a cidade, no contexto sul-americano, como concretização singular do sonho colonizador de uma ordem e de um poder.⁷² Para que essa conversão se torne possível, é indispensável o estabelecimento de uma ordem dos signos. Não há, segundo a autora, no Brasil, uma tradição firmada no tratamento de nossas cidades como signos. Maria Alice resume, de maneira sucinta, o núcleo da reflexão de Rama, para quem a cidade ibero-americana está indissociavelmente ligada à edificação da era capitalista europeia; sua concepção se deve, portanto, mais às atividades do espírito, expressas nas palavras, do que às coisas reais, ou seja, a uma acomodação à constituição física e cultural do novo mundo; e sua modernização não alterou o marco geral de sua origem – a prevalência da ordem dos signos sobre a ordem material.⁷³

As imagens urbanas falam das formas de articulação possíveis entre o Estado e a sociedade. As cidades barrocas, por exemplo, se

71 VENEU, Marcos. “O flâneur e a vertigem: metrópole e subjetividade na obra de João do Rio”, *Estudos Históricos*. p. 229-243.

72 RAMA, Angel. *A cidade das letras*.

73 CARVALHO, Maria Alice Resende de. *Quatro vezes cidade*. p. 21

dispõem circularmente em seus estratos sociais em torno de – e a partir de – um poder central. As cidades no Brasil retratam a relação da elite intelectual com o poder. Ao povo são deixados os morros, os alagados, os subúrbios remotos, para que o habitem como lhes aprouver, ou seja, sem ordem.

Crítica literária e história se reúnem na busca da expansão da significação das cidades construindo as trajetórias individuais, as narrativas dos que “serviram à cidade como intérpretes de sua aparência, como construtores de uma realidade cultural e sentimental”⁷⁴

Carvalho cita o exemplo de Morse,⁷⁵ para quem a cidade, enquanto “arena cultural”, é compreendida como um espaço dotado de variados e até contraditórios sentidos sociais, que convivem lado a lado, tendo sido construídos e consolidados ao longo do tempo. Seus muitos “textos” constituem um campo de significações, um contexto semântico, que é ao mesmo tempo produto e produtor da ação dos atores urbanos.

Para a autora a cidade é, portanto,

o habitat, por excelência, das metáforas, da atividade conotativa; é ali que a linguagem exhibe os seus poderes, “iluminando” e fazendo-nos ver o que não é imediatamente visível sob a ordem do geômetra, sob a racionalidade aparente das edificações e do quadriculado de ruas e avenidas. (CARVALHO. 1995:97)

4.2 Memória do Rio de Janeiro

*Cidade maravilhosa,
Cheia de encantos mil...
Cidade maravilhosa,
Coração do meu Brasil!*

...

Letra e música de André Filho

As características históricas que marcam a identidade da cidade do Rio de Janeiro e se refletem na produção cultural nela desenvolvida ressaltam a condição da capital como espaço de monumentaliza-

74 Idem, p. 23

75 MORSE, . As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Estudos Históricos*. p. 205-225.

ção do poder e um lugar de lutas simbólicas que são, naturalmente, também políticas.⁷⁶

No alvorecer do século XX, antes da administração Pereira Passos, o Rio de Janeiro era uma cidade infecta, com ruas estreitas e tortuosas, casas sem janelas, com esgoto e fezes de animais a céu aberto. Não se fazia relação entre saúde e higiene. As doenças digestivas disputavam com a febre amarela e a peste bubônica quem fazia mais vítimas. Ao mesmo tempo, a vida noturna da cidade era intensa. O calor e o abafamento dentro das casas motivava os homens a ficar até tarde nas ruas.⁷⁷

Pereira Passos, ao rasgar avenidas, ao obrigar os moradores a limpar e pintar suas casas, ao obrigar à construção de cômodos arejados e iluminados, proibir o comércio de carnes nas ruas, proibir a circulação das vacas leiteiras pela cidade, foi mudando não somente o aspecto da cidade como também a relação do cidadão com ela.

Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, as duas prévias da modernização que agiam deterministicamente sobre a cidade no século XX eram o enriquecimento e o universalismo.

... nossas cidades e nossa imaginação política renderam-se ao imperativo do progresso e da integração do Brasil a um Ocidente transformado pelo fenômeno do industrialismo e pela emergência das sociedades de massa. (CARVALHO, 1995:16)

O espaço urbano era o local onde a cultura dos diversos grupos que formavam a nação circulava com mais facilidade e, conseqüentemente, o espaço onde parecia ser mais fácil a formação de uma almejada síntese da cultura nacional que unisse os diversos grupos sob a égide centralizadora do Estado Novo.

O Rio de Janeiro era, em 1940, a capital federal do Brasil: sede de governo, sede das grandes empresas, principal porto (quando todo o transporte se dava por via marítima), foco de onde emanavam as notícias e as modas, lugar para o qual todas as influências convergiam, *locus* do progresso e do universalismo.

Como cidade portuária e sede de governo, o Rio de Janeiro era também local privilegiado para o surgimento de uma cultura de clas-

76 CARVALHO, M. Alice. *Quatro vezes cidade*; NEVES, Margarida de Souza. *Brasil, acertai vossos ponteiros* p. 53-65.

77 EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*.

ses médias urbanas que abrangia novos gêneros musicais, festas populares, religiões, linguagens, culinária e estilos de vida, que viria a se expandir e consolidar a partir dos anos 1930. Dado o interesse das elites econômicas em que o Rio funcionasse como vitrine de um país que pretendia vir a integrar o “rol das nações civilizadas”, a cidade adquiriu a função de caixa de ressonância de uma “cultura nacional”, e sua paisagem foi adquirindo importância diferenciada em relação a outras cidades.⁷⁸

Uma possível asserção sobre as origens do que se afirma ser a expressão da singularidade do Rio de Janeiro está ligada à produção e à reprodução das imagens consensuais sobre o Rio associadas a um tipo de intelectual cujo posto de observação prioritário e lugar social foi a rua e não as instituições.⁷⁹ Esses intelectuais que se identificavam como vanguarda do povo, como *intelligentzia*, procuravam trazer à superfície as “vozes genuínas” da cidade através de um pacto com os excluídos dos morros. Apesar da iniciativa do Estado Novo em promover algum controle sobre a opinião das ruas,⁸⁰ desenvolveu-se uma recusa às formas de instrumentalização da cultura pelo Estado. Ainda segundo Maria Alice, a política estadonovista veio a promover uma investida sobre essa “opinião das ruas”, incorporando uma parcela significativa dos intelectuais às agências culturais do Estado.

Os temas do espontaneísmo, da informalidade e do inconformismo como emanações da essência do carioca têm reverberação no pensamento de Rosa Maria Araújo,⁸¹ que chama de “vocaçao do prazer” o gosto pela diversão e o espírito lúdico que determinariam a identidade cultural do Rio de Janeiro. Segundo a autora, capitais comportam atributos específicos, facilmente identificáveis em qualquer cultura, tempo e espaço. Por serem centros administrativos, tornam-se polos agregadores das várias regiões nacionais e elos de ligação com as capitais de outros países. A capital é ainda o *locus* do cruzamento de informações, tanto por seu papel nacional, como pelo papel de representante do país no cenário internacional, fazendo da cidade uma fonte permanente de notícias. A capital é um *melting*

78 MARTINS, Carlos. *A paisagem carioca*, p. 16

79 CARVALHO, M. Alice. *Quatro vezes cidade...* p. 31

80 O incensamento de tipos populares, como o malandro, era desestimulado pelo Estado Novo. O Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, que controlava todos os meios de comunicação, proscree as temáticas da malandragem e da vida boêmia das letras de samba. Há mesmo o registro de 373 letras de sambas interdadas pelo DIP só no ano de 1940.

<http://mauriliosantosjr.blogspot.com/2009/09/o-brasil-contado-pelo-samba.html>

81 ARAÚJO, Rosa M. Barboza de. *A vocação do prazer*.

pot, exercendo poderosa força centrípeta que magnetiza cidadãos dos diversos cantos do país, especialmente os que têm interesses e atributos especiais para as atividades governamentais.

O Rio de Janeiro atraiu gente de todo o Brasil que vinha disputar os empregos públicos, os empregos nas redações dos jornais, no florescente comércio da capital, e mesmo conhecer as maravilhas que as revistas mostravam. E, como principal porto do país, foi a porta de entrada para imigrantes e mercadorias.⁸²

Em princípios do século XX, a cidade era depreciada por ser litorânea, contaminada pelo cosmopolitismo, por uma “civilização de empréstimo”, pela presença estrangeira e pela mestiçagem negra, estigmas que vieram a ser acrescidos, nos anos 1920, pelo mito de cidade dionisíaca criado pelos “verde-amarelos” paulistas que, no cerne da disputa pela hegemonia nacional entre São Paulo e Rio de Janeiro, tomavam o carioca como um ser preguiçoso e hedonista. Com o investimento do Estado Novo na cidade capital, valorizada como berço de um dos principais elementos da nova identidade nacional – o samba –, o Rio e seus habitantes passaram a conhecer um movimento de valorização positiva de suas qualidades.

A centralização política e a luta contra todas as formas de federalismo vigentes na República Velha reforçaram o papel e a posição da cidade como capital cultural do país.

No Rio se produziu o indivíduo moderno com novos e intensos contatos e confrontos. Foi também na cidade que se construiu um sistema de controle e de disciplinarização deste indivíduo moderno. A revolução de 1930 e a instauração do Estado Novo trouxeram consequências diretas para a vida da cidade. Do Rio partiram as principais decisões que afetaram a política e a cultura nacionais. Os anos da República Velha são decisivos para a definição tanto do comportamento da capital como de sua geografia. Nas décadas de 1910-20, o Rio de Janeiro reúne uma população heterogênea, formada por escravos libertos, estrangeiros, migrantes do resto do país premidos pela crise na lavoura, que provoca um progressivo aumento do deslocamento das populações pobres para as capitais, frente aos quais os intelectuais vão exercer um papel fundamental de formadores de opinião, que se espalhará por toda a nação. O Rio de Janeiro, como capital e cidade mais populosa do país, se investia da característica de cartão de visitas do progresso e destino principal das migrações.

82 Os outros portos eram Santos, Salvador e Recife.

O Rio ditava não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima.⁸³

Os jornais e a prefeitura promoviam concursos de carnaval favorecendo a consagração de marchinhas e de seus compositores e intérpretes. O samba, original do Rio, foi elevado à categoria de música nacional e o carnaval foi promovido a símbolo do Brasil. As principais estações de rádio (Mayrink Veiga e Nacional), e gravadoras (Victor e Odeon), estavam no Rio, onde também se desenvolveram a chanchada, que congregava cinema, música, carnaval e o teatro de revista, com piadas e músicas locais.

A junção de símbolos e agências culturais produziu um “caráter” carioca, muitas vezes divulgado como caráter nacional. Delineou-se um tipo preguiçoso, malandro, amante da praia, do futebol e das mulheres. São referências recorrentes do carioca – termo que surgiu com a República –, as curvas de suas mulheres, as belezas naturais da cidade, o espírito gozador e cordial de seu povo. Narrativas sobre o Rio de Janeiro referem-se à natureza boêmia e preguiçosa do carioca nas crônicas e demais representações da vida social.

Beatriz Resende inicia *Cronistas do Rio* afirmando haver, entre o Rio de Janeiro e a crônica, uma tal afinidade, que chega a ser difícil fazer a história da cidade sem se evocar – desde os primeiros viajantes que adentraram maravilhados a baía – um dos numerosos cronistas, que tendo ou não nascido aqui, dela falaram.

Escrita para ser publicada em folhetins, jornais, revistas ou suplementos, a crônica é uma criação literária ligada ao imediato como veículo que lhe serve de suporte. Se, como se diz, o jornal serve para ser lido hoje e embrulhar o peixe amanhã, segue por vezes o alimento envolto em obras preciosas.

Mas é justamente esse sentido do provisório que dá leveza e um aparente descompromisso que termina por torná-la especialmente autêntica. Ao autor dá, muitas vezes, uma coragem que a escrita mais lenta tiraria. Existe, assim, em torno da crônica, uma respiração, um clima, que a liga ao cotidiano da cidade que a inspirou; nela a cidade se inscreve. (RESENDE. 1995:11)

83 SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. V. 3. p. 522.

Segundo Margarida de Souza Neves, a crônica é sempre uma leitura do real e não o real redivivo; é sempre seleção e interpretação. Na crônica, o historiador encontra “as sensibilidades, os sentimentos, as paixões do momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história.”⁸⁴

Desde quando começaram a afluir de todos os cantos do país, na virada do século XIX, os intelectuais “estrangeiros” foram responsáveis pela “elegia carioca”⁸⁵ apaixonada. A “cidade maravilhosa” foi popularizada pelo cronista Álvaro Moreira nos anos 1920, e consagrada na canção do compositor André Filho nos anos 1930,⁸⁶ que foi transformada em hino oficial da cidade nos anos 1960.

O poder da imprensa favoreceu a fixação do mito de “cidade maravilhosa” endossado por um grupo significativo de jornalistas, cronistas e poetas voltados para a exaltação das belezas naturais da cidade e de suas mulheres, de seu cosmopolitismo, do *glamour* do Copacabana Palace e da vida noturna do bairro de Copacabana, bem como da pequena crônica do cotidiano e do folclore cariocas retratados com humor e simplicidade nos jornais, no rádio e nas revistas.

Machado de Assis foi um dos primeiros a qualificar a cidade de “Nova York brasileira”,⁸⁷ destacando-a como o maior centro metropolitano e cultural do país. Perfil que seria atualizado ao longo dos anos como “cidade síntese e caixa de ressonância”,⁸⁸ “vitrine” ou “tambor” do Brasil. Para o conde Afonso Celso, em *Porque me ufano de meu país*, a relação entre o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro guardaria uma correspondência física, calcada na forma da baía de Guanabara,

84 NEVES, Margarida. “História da crônica, crônica da história” in RESENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. p. 25

85 “Nessa cidade vivo há 40 anos, há 40 anos vivo esta cidade, a cidade me vive há 40 anos”. ANDRADE, Carlos Drummond de. Elegia carioca. In: _____. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983 apud RESENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. p. 82.

86 “Cidade maravilhosa” tomou parte em um concurso promovido pela prefeitura do Distrito Federal no Teatro João Caetano, em setembro de 1934. Gravada neste mesmo ano pela cantora Aurora Miranda, a marcha de André Filho só estourou no Carnaval de 1936, transformando-se em um dos maiores sucessos carnavalescos de todos os tempos, executada de norte a sul do país, “até em buzinas de carro com compasso”, como reconheceu o seu autor em depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1968.

87 ASSIS, Machado de. *A Semana*, 1896. In: Obra completa. v. 3, apud RESENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*.

88 http://www.consciencia.org/bestializados_murilo_de_carvalho-ida.shtml

“triângulo de lados irregulares que representa, em menor escala, a configuração geral do Brasil”⁸⁹

Mário de Andrade afirma, em carta a Manuel Bandeira, datada de 10 de agosto de 1934, “um desejo ‘quasi’ enraivecido de Rio”⁹⁰

Voltei do Rio num estado que não sei bem como é, num estado misturado. Tinha de tudo nele, e de muitas coisas desse tudo não terei tempo de lhe contar, nem talvez valha a pena. O Rio me dá uma animação danada, isso é verdade. Não é apenas por falar muito de arte, de literatura, de andar de cá pra lá, dormindo, respirando, falando arte. (...) Eu careço de tudo isso. Daí um desejo *quasi* enraivecido de Rio (...)

E comenta adiante, na mesma carta, a leviandade, a vivacidade e a megalomania como atitudes inegavelmente cariocas, não apenas dos homens mas do próprio ambiente, definidas como “guanabaras” em poema escrito durante a época em que veio ao Rio para trabalhar como professor da Universidade do Distrito Federal e como funcionário do Instituto Nacional do Livro (julho de 1938 a fevereiro de 1941).

Na cidade do Rio de Janeiro, duas realidades se contrapunham: a cidade antiga e o Novo Rio.⁹¹ A antiga era composta pelo Centro tradicional, a Zona Norte e os subúrbios, onde a sociedade patriarcal se organizava em torno da família, com um chefe, uma esposa, moças casadoiras, agregados que coabitavam nas casas de quintal, uma vida regrada “do portão para dentro”, em que um assentimento mútuo garantia a moral comum. A essa moral comum, essa doxa, se opunha uma outra, à qual correspondia a realidade geográfica dos bairros oceânicos da Zona Sul.

Singular cidade é o Rio! Singular e sedutora. Uma metrópole moderna que possui hábitos provincianos. Um destes: fazer “vida de bairro”. Por isso mesmo os bairros do Rio têm, cada um, sua fisionomia peculiar. O seu encanto próprio. O seu caráter. Não se repetem nem se confundem, os nossos bairros. Nada mais diferente, por exemplo, do que Tijuca e Copacabana. São como duas cidades distantes e diversas. Mas ambas têm o seu próprio encanto, a sua harmonia interior – o

89 CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>

90 RESENDE, Beatriz. “Carnaval carioca: Mário de Andrade e o Rio de Janeiro” In SZKLO, Gilda. *Seminário Mario de Andrade e o Rio de Janeiro*. p. 87-96.

91 GERSON, Brasil. Copacabana ou o Novo Rio. In: *História das ruas do Rio*. p. 315-326.

seu sortilégio (...) Espremidos entre o mar e as montanhas, ou esgueirando-se no fundo dos vales caprichosos, os nossos bairros são extremamente “distantes” uns dos outros... no tempo, embora nem sempre o sejam no espaço...⁹²

Essa diferença no tempo a que Peregrino Jr. se refere revela dois modelos de subjetividades que convivem no mesmo espaço e correspondem a dois momentos: o sujeito patriarcal do século XIX e o sujeito mundano do século XX, um novo sujeito que o mar aberto, sonante e voluptuoso da orla oceânica; o sol generoso; a praia que se oferece o ano todo ajudaram a moldar e cujas qualidades são o movimento e a exposição – qualidades que fazem parte do repertório moderno.

Não por acaso um tal sujeito mundano moldou-se nessa época. As contingências necessárias ao seu florescimento então se associaram: o pensamento higienista, de 1920, que valorizava um novo corpo esbelto e saudável, que se exibia ao sol e aos olhos; a tecnologia da velocidade, que inventava novas formas de encurtar distâncias; o cinema e a imprensa, que traziam os sonhos para as salas de visita das casas e permitiam a construção de uma imaginação internacional; entre outras contingências.

E Peregrino Jr. completa:

(...) Mas onde a vida do Rio é mais diferenciada e autônoma é na Zona Sul, para além dos túneis: Copacabana, Leme, Ipanema, Leblon... É a paisagem que todos amam. É a vida cosmopolita por excelência. Toda gente do Rio deseja morar... em Copacabana. E Copacabana – erichada de arranha-céus – é um bairro de hábitos avançados, de fisionomia ultramoderna. Tem seu gueto. Tem seu campo de esporte. Tem sua zona alegre. Tirou das ondas a falta de modos. Fala na sua gíria. Veste a seu modo: as moças andam por toda a parte de *short* ou de calças, sem meias e sem cerimônia; os rapazes aboliram o chapéu, o paletó, a gravata, a boa educação e o resto...⁹³

92 PEREGRINO JR., “Um sorriso para todas”. *Careta*, nº 1020, 7 jan. 1928, p.34. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em prosa e verso*.

93 PEREGRINO JUNIOR. Um sorriso para todas...

4.3 Copacabana: geografia imaginária⁹⁴

Das cidades já se disse serem território e memória: duas topografias, portanto, que condicionam nossa experiência pessoal e coletiva. Assim, sob a *cidade real*, fisicamente tangível, sob o espaço edificado em que interagem milhões de pessoas, descortina-se uma cidade análoga, um plano invisível tecido de memórias personalizadas do passado, de impressões que recolhemos ao longo de nossa experiência urbana.⁹⁵

Copacabana nasce com os ideais de eugenia do início do século XX, quando juventude, saúde e beleza se transformam no núcleo predominante dos valores modernos. O cultivo destes valores pressupunha a nutrição adequada, as consultas médicas e dentárias regulares, a higiene pessoal e doméstica diária, o uso de roupas leves que seguissem a forma do corpo, os banhos, massagens e exercícios metódicos, a exposição periódica ao sol, as caminhadas ao ar livre e, sobretudo, a prática constante dos esportes.⁹⁶

Só Copacabana, dentro da cidade, reunia à oferta de edifícios a salubridade, a beleza da natureza, a atitude progressista pela adoção de um novo modo de vida, a ostentação pela proximidade dos marcos do luxo, da convergência social e de lazer das camadas abastadas, além da promessa mágica de modernidade.

Dizia o anúncio da loteria federal:

Uma viagem a Galveston, depois um passeio à Europa...um automóvel lindo da melhor marca... um *bungalow* em Copacabana e um palacete em Petrópolis... joias bonitas... tudo isso podereis conseguir com um bilhete de São João da Loteria Federal.

Dinheiro não dá felicidade a ninguém, mas é bem melhor ser feliz ou infeliz com elle do que sem elle. 400 contos por 18\$000 apenas... em 5 sorteios – em 22 do corrente.⁹⁷

94 A narrativa que se segue foi recolhida em livros sobre a história do bairro, crônicas e matérias de imprensa.

95 JAGUARIBE, Beatriz. Os passos perdidos, cidade e mito. *Papéis avulsos*, 20.

96 SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. V. 3 P. 563.

97 Postado por “Saudades do Rio” em 04/02/2009 05:38, <http://fotolog.terra.com.br/lui-zd:1532>. O site não fornece indicação de data nem de local de publicação.

Copacabana marcou uma evolução de costumes e redesenhou as zonas de influência da cidade. Tematizar o bairro de Copacabana dos anos 1940 é resgatar as ambiguidades e tensões de uma nova maneira de viver.

Como o bairro mantém um sentido tradicional de antigos bairros cariocas, permanece nele certa relação de convívio por meio de pequenas solidariedades, mas plena de vigilância e controle. Também já se pode perceber uma tendência para novas perspectivas frente ao mundo (um individualismo privatista), novas formas de ser, de agir e de sentir, aliadas à impessoalidade de certas relações, a uma frieza e à expansão crescente da violência urbana.⁹⁸

Copacabana é desde o início reconhecida como expressão do feminino, tanto de elegância quanto de vida mundana e de liberalidade. Os sentidos que a caracterizam na imprensa são a descontração, a utopia, a animação, a movimentação, o despojamento, a civilização, a sensualidade, a boemia, a perdição, o paraíso. O mito de uma Copacabana elegante e feminina teve zonas amplificadoras na imprensa, na literatura e no cinema.

Copacabana é identificada com um comportamento cosmopolita, como observa Stefan Zweig,

A praia de Copacabana é a praia de luxo. Ela tem um magnífico hotel, excelentes bares, dos quais um com uma orquestra de ciganos, um cassino de jogo, um largo passeio e, além disso seus costumes próprios — e por isso algo não brasileiros. Só em Copacabana vemos, como nas estações de verão europeias e norte-americanas, moças trajando calças e homens em camisa de esporte sem casaco. Nessa avenida há restaurantes e bares com mesas ao ar livre. Nela não há armazéns, não passam caminhões, pois essa praia quer destinar-se exclusivamente ao luxo, ao prazer, ao esporte, ao passeio, às cores, ao gozo do corpo e dos olhos. Essa avenida é, em última análise, por assim dizer, a cabine de luxo para o banho, nessa gigantesca praia, que, em certos dias, reúne cem mil pessoas, sem que com isso fique demasiado cheia. Às vezes se tem a impressão de que essa praia não pertence propriamente à cidade do Rio, de que ela, de maneira semelhante à que se deu em Nice, mas de maneira mais grandiosa, foi artificialmente anexada a uma grande cidade de trabalho, de atividade, para o gozo dos estrangeiros e das pessoas de vida faustosa, e só pouco a pouco penetrou na vida, no orga-

98 MATOS, Maria Izilda. *Pelas noites de Copacabana: roteiro boêmio de Antonio Maria*.

nismo da cidade. De fato, há vinte anos existiam ali algumas casinhas tímidas, que tinham ousado erguer-se nas dunas de areia. Mas desde que se descobriu o gosto pelo ar, pelo sol, pela água e se inventou o automóvel, levantaram-se em Copacabana quarteirões inteiros com assombrosa rapidez. Com a mesma facilidade com que em Viena se vai ao Prater ou em Paris ao Bois de Boulogne vai-se hoje à Copacabana, ao passo que outrora ir ali ainda era fazer uma excursão e quase uma viagem. Se Copacabana não é o coração é, de certo modo, o pulmão do Rio. Mas em toda sua beleza uma coisa é simbólica: é que sentados ou de pé nessa praia e voltados para o mar, verdadeiramente temos o Rio pelas costas, pois essa avenida olha — sem dúvida, através dum oceano — para a Europa. Ela é tão novieuropeia como a Avenida Rio Branco há trinta anos o era, e é característico o fato de os estrangeiros e de os viajantes gostarem mais de viver na Avenida Atlântica, do que os verdadeiros cariocas que nela se sentem mais em casa alheia do que na própria casa.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. p. 170-171.

4.3.1 Pequena história do bairro

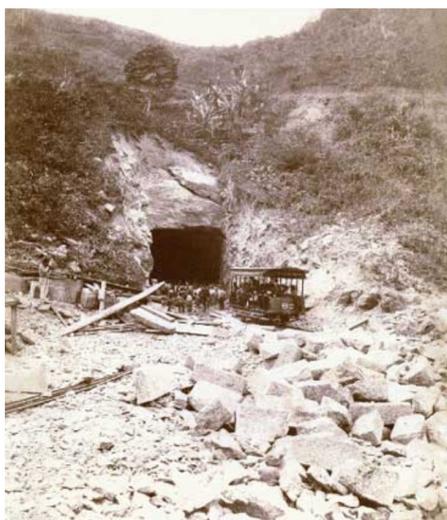
*De início só havia ananases, cardos, espinheiros e pitangueiras, choupanas de pescadores e de escravos...*⁹⁹

A ocupação de Copacabana se inicia em 1858, com a abertura da ladeira do Barroso, atual Tabajaras, e da rua do Barroso, atual Siqueira Campos. Com o acesso, vieram as casas de repouso, como a do médico e conde Figueiredo Magalhães, aberta em 1882.

Cláudia Mesquita, em *De Copacabana a Boca do Mato*, assim descreve o surgimento do bairro:

O nome Copacabana – observatório ou mirante azul, na língua quíchua dos nativos do Peru e da Bolívia – teria surgido com a chegada de uma réplica da imagem da Virgem Maria vinda da península de Copacabana, ao sul do lago Titicaca, onde existe uma capela com a imagem original, tida como milagrosa. Diz-se que os chamados “peruleiros”, negociantes de prata do Peru, teriam trazido a imagem para o Rio de Janeiro, onde permaneceu no altar da igreja da Misericórdia até ser transferida, em meados do século XVIII, para uma pequena ermida, construída onde hoje se encontra o Forte

99 GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. p. 317



Bonde atravessa o túnel Velho, 1903

Foto: acervo Museu da República



No início era um areal...



Copacabana no início do século XX parecia um balneário europeu, com seus palacetes

de Copacabana. Nessa época, Copacabana passou a integrar o sistema defensivo da cidade, com a construção de fortificações no Leme e no Posto Seis, junto à ponta da Igrejinha.¹⁰⁰

Em 1874, o barão de Mauá inaugura o telégrafo por cabo submarino na Fazenda de Copacabana, praia das Pescarias, atual Posto Seis, para ligar o Brasil à Europa. Entre cajueiros e pitangueiras, foram construídas duas casas, uma por onde passava o cabo e outra, chamada “casa dos ingleses”, para os funcionários. Ali também se instala o primeiro núcleo boêmio do lugar, composto pelo *rendez-vous* Mme. Chabas e pelo cabaré Mère Louise.

Em 1878, a polêmica em torno da extensão de linhas de bondes a Copacabana toma os jornais, mas o túnel e a primeira linha de bondes de tração animal são inaugurados em 1892, suscitando o comentário: “Que loucura! Bonde para apanhar caju e areia em Copacabana!” Só em 1901 os bondes movidos a eletricidade atravessam o túnel. A primeira estação de bondes (Malvino Reis) ficava na atual praça Serzedelo Corrêa. Em 1903, o Túnel Velho é aberto ao tráfego público e é inaugurado o ramal do Leme. O Túnel Novo foi aberto em 1904.

Copacabana é um bairro criado desde o início pelos interesses comerciais de pequenos grupos, entre eles a Cia. de Ferro Carris Jardim Botânico e a Empresa de Construções Civas, de Alexandre Wagner, que, aproveitando-se da “liberdade de construção” de 1899, incentivam a ocupação do bairro e a venda de lotes. O projeto de urbanização do bairro é então defendido, contra os que o consideram um areal inútil, pela sua salubridade e pela excelência dos banhos de mar, a exemplo das cidades balneárias da Europa.

Em 1905, com a suspensão da liberdade de construção, para impedir que lá se construíssem moradias precárias, surgem construções de luxo, inaugurando a “Era dos Palacetes”. Em poucos anos, o bairro começa a ser visto como um lugar de elite.

Essa elitização da ocupação do solo em Copacabana não é casual: com o fim da monarquia, à mesma época, os títulos de nobreza se tornam extintos, fazendo com que novos modos de distinção e de demonstração de status social se façam necessários.

Em 1906, o prefeito Pereira Passos inicia as obras de construção da Avenida Atlântica, que até então não passava de fundo de quintal das casas da avenida Nossa Senhora de Copacabana. Para calçar a

100 CARDOSO, Elizabeth. *História dos bairros: memória urbana: Copacabana*. p. 70.



Mar, céu e montanhas



A avenida Atlântica de Pereira Passos



Reconstrução da avenida Atlântica após a ressaca de 1921



Avenida Atlântica com ressaca. Vê-se o hotel Copacabana Palace e a pedreira do Inhangá a seu lado

Fotografias da Coleção Augusto Malta, do Museu da Imagem e do Som, dos anos 1920

nova avenida, fez vir de Portugal um grupo de 33 calceteiros e também as pedras – calcáreo branco e basalto negro – usadas na avenida Central, com desenhos variados, e na avenida Atlântica.¹⁰¹

A técnica do calçamento em mosaico empregada na avenida Atlântica tem sua origem em Portugal durante o reinado de D. Maria II, em 1842, quando o desenho de ondas é empregado para representar graficamente o encontro das águas do rio Tejo com as do Oceano. Esse padrão, que se tornaria signo da cidade do Rio de Janeiro, era chamado “Mar Largo”. O Largo do Rossio, em Lisboa, foi um dos primeiros logradouros a possuir o famoso calçamento, numa superfície de mais de 8.700 m².

As calçadas eram instaladas por prisioneiros condenados a trabalhos forçados – chamados “grilhetas” porque o faziam acorrentados uns aos outros. O tema se espalhou por cidades lusitanas e pelas de ultramar. Segundo nos conta Milton Teixeira, do jornal *Copacabana*,

Ainda hoje existem calçadas de pedras portuguesas em cidades insulares dos arquipélagos da Madeira e Açores, bem como nas ex-colônias africanas e até na distante Macau.¹⁰²

No Brasil, a primeira calçada musiva com desenho “Mar Largo” aqui executada parece ter sido a que circunda o Teatro Amazonas, em Manaus. Realizada em 1900, ainda se encontra em perfeito estado e precedeu em cinco anos as do Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, as pedras foram trazidas de Portugal para calçar a avenida Central, mas o calçamento caro, importado e de difícil execução não progredia, levando o prefeito Pereira Passos a tentar cobrar, em maio de 1905, uma taxa de 25% sobre o imposto predial dos edifícios que dessem frente para tais calçadas para cobrir seus custos. A reação popular contrária e violenta o fez revogar a medida.

O atraso das obras de calçamento irritou o engenheiro Paulo de Frontin, chefe da Comissão de Obras da Av. Central, que, no dia anterior à inauguração, mandou recolher as montanhas de pedras portuguesas acumuladas na via e atirá-las ao mar.

De modo que, quando a Av. Central foi inaugurada, a 15 de novembro daquele ano, apenas um pequeno trecho de calçamento es-

101 TEIXEIRA, Milton. As calçadas em mosaico de pedras portuguesas do Rio de Janeiro. <http://www.jornalcopacabana.com.br/ed162/milton.htm>

102 Idem.



O piso da Cinelândia formava delicados desenhos. Fotografia tirada pouco tempo depois da inauguração da avenida Central (1904).

<http://www.mosaicosdobrasil.tripod.com/id4.html>



S6B Os mosaicos, Donald, Zé Carioca

Em “Alô, amigos!” Walt Disney fez com que o Pão-de-Açúcar repartisse com os mosaicos a honra de representar o Rio entre os emblemas de cidades do mundo. O Rio é hoje a cidade do Pão-de-Açúcar e das ruas atapetadas de mosaicos.

Foi uma repórter norte-americana quem descobriu: o Rio é uma cidade com passeadeiras e tapetes. Sim: aqueles mosaicos brancos e pretos formando desenhos geométricos debaixo dos nossos pés, aliviando visualmente a sensação muscular das distâncias, enquadrando-se com muita propriedade no gênero tapeçaria – Avenida Rio Branco, Praça Floriano, Rua do Passeio, Avenida Atlântica. Salas de visitas do Rio de Janeiro.

Sombra, ano 3, n. 14, jan. 1943, p. 64 e 65

tava pronto. No dia da festa, muito chuvoso, a maioria das calçadas, que ainda eram de terra, foram transformadas em lamaçal.

Terminado o trabalho, o desenho do passeio defronte ao palácio Monroe resultara lindamente geométrico. Entre o convento da Ajuda e o Teatro Municipal era um desenho curvilíneo, lembrando ornamentos ao estilo Luís XV. Do Municipal até a rua São José era o desenho “Mar Largo”. Da rua São José até a rua Visconde de Inhaúma era um desenho floreal *art-nouveau*; e dali até a praça Mauá era outro desenho “Luís XV”.

Muitas casas comerciais da avenida Central tinham seus nomes estampados na calçada e os prédios mais importantes ganharam desenhos próprios e brasões.¹⁰³

Quando da inauguração da av. Atlântica, o padrão de ondas era transversal à praia, sem a pretensão de “dar continuidade” ao movimento do mar; as ondas eram também modestas em sua curvatura. A avenida foi ampliada em 1911, pelo Prefeito Bento Ribeiro, mas somente teve sua largura uniformizada para 19m e largo passeio em 1919, quando era prefeito Paulo de Frontin, que usou o “Mar Largo” no sentido longitudinal. Depois de uma forte ressaca, em 1921, seu sucessor, Carlos Sampaio, mandou refazer o mesmo desenho, agora transversal, assim como Prado Júnior, por idêntico motivo, o fez três anos depois.

Nos anos 1940, na reforma que incluiu a construção dos postos de salvamento, as ondas voltam a ser longitudinais, assim permanecendo até hoje.

Em 1970, a pista e a extensão da praia são duplicadas por meio de obras de aterro. O paisagista Roberto Burle Marx redesenhou o padrão da orla, tendo mantido na calçada próxima à praia o desenho “Mar Largo”, triplicado em tamanho e posto longitudinalmente. Nas calçadas entre as pistas e no calçadão projetou um desenho abstrato, nas cores preta, branca e vermelha, simbolizando as três etnias que formaram o povo brasileiro. Todo o desenho da Av. Atlântica foi pensado para ser apreciado de avião.

Protegida pelos fortes e com o acesso franqueado pelos túneis, a ocupação do bairro segue com o estabelecimento da paróquia de Copacabana, em 1908, e do primeiro cinema, o Copacabana, em 1909.

¹⁰³ As informações e fotografias sobre os mosaicos foram encontradas nas páginas virtuais de <http://mosaicodobrasil.tripod.com/id4.html> e de TEIXEIRA, Milton. As calçadas em mosaico de pedras portuguesas do Rio de Janeiro. <http://www.jornalcopacabana.com.br/ed162/milton.htm>

O jornal *O Copacabana*, fundado em 1906 por Theo Filho, a chama de “O Novo Rio”.

Em 1910 já se multiplicam as mansões, bangalôs, palacetes, chales e casas nos estilos neoclássico, neogótico, normando, eclético e *art nouveau*. Copacabana tem, então, 20 mil moradores, que enviam um abaixo-assinado à prefeitura reivindicando a instalação de escolas, sanatório e praça para recreação infantil.¹⁰⁴

A aviação está em franco desenvolvimento e a praia de Copacabana é considerada um excelente campo de pouso, não só pela sua extensão de areia, como pelas ótimas condições de visibilidade para os pilotos dos aviões, que decolando da praia, iam fazer piruetas nos céus do centro da cidade.¹⁰⁵

Em 1911, a praça ao fim da rua Siqueira Campos é ajardinada e é construído o Hotel da Light. Em 1930, Copacabana ganha um serviço de ônibus e o bairro é asfaltado.

Os abastados moradores do bairro importam os materiais de construção da Europa. As construções rivalizam em exuberância, como demonstração de riqueza. Amplos terraços e balcões buscam a integração do espaço construído com a natureza.

Os jornais da época anunciam:

“...serviço de Frigidaire, lavanderia e galinheiro.”
Anúncio do Palacete Duvivier, *Jornal do Commercio*,
10 ago 1930.

O arranha-céu, que já despontara no cenário do Rio de Janeiro desde 1920, torna-se elemento fundamental na constituição da paisagem da cidade e do modo de vida modernos. No Rio, os primeiros arranha-céus erguem-se em Copacabana e na Cinelândia.

Na praça 26 de Janeiro, atual Praça Bernadelli (mais conhecida como Praça do Lido), funcionava, desde 1928, um pavilhão normando com um dos restaurantes mais elegantes da cidade, o Lido. Seus bailes de carnaval eram famosos e iam até às 11 horas da manhã. A praça do Lido era, então, o coração do comércio e dos prédios elegantes do bairro.

104 *Circuitos cariocas: circuito copacabana*. CD-Rom

105 MATOS, Maria Izilda. *Pelas noites de Copacabana: roteiro boêmio* de Antonio Maria. www.copacabana.com



Rua Barata Ribeiro, em 1928



Abertura da rua Rodolfo Dantas. Vê-se, ao fundo, o hotel Copacabana Palace



Palacetes de Copacabana

Fotos de Augusto Malta

A partir de 1930, Copacabana começava a se libertar “da sua nudez agreste, dos seus últimos cajueiros, das pitangueiras em flor que atapetavam os seus vastos espaços baldios”,¹⁰⁶ manifestando a tendência ao soerguimento de prédios adaptáveis a casas de apartamentos, em função da valorização de terrenos e construções.

Os palácios, os bangalôs, os chalés e os violinos começaram a se tornar obsoletos e cederam lugar a um bairro que, em pouco tempo, se delinearía “tentacularmente”, devido à construção paulatina dos chamados arranha-céus, que começaram a se espalhar pela orla, transformando a praia de Copacabana, em poucos anos, em uma “massa compacta de prédios sem recuos frontais nem laterais”.¹⁰⁷

A maioria das novas construções em Copacabana, ainda constituída de casas localizadas nas ruas internas do bairro, vão trocando sua “feição provinciana por risonhos bangalôs... modernos e lindos”, quase sempre com dois pavimentos, pequenos jardins na frente e quintal nos fundos. Além dos bangalôs, os preferidos da classe média, havia uma variedade de estilos, como os *cottages* “que pareciam transplantados da Normandia, prédios em estilo bávaro, casas rústicas da Escócia, mansões coloniais”, construídas pelas firmas de engenharia que se alastram pelo bairro.

Os anúncios nos jornais trazem (a partir de 1925), os termos “casa de apartamentos”, “casa de habitação coletiva”, “arranha-céu” (ou rasga-céu) de apartamentos, “casa para renda”. O termo “edifício de apartamentos” só se estabelece em 1937.

... apartamentos modernos, para pequenas e grandes famílias e quartos independentes para solteiros no último andar.

Propaganda do Palacete São Paulo (antigo Palacete Lido), *Revista Light*, julho de 1929.

As unidades habitacionais não são dotadas de cozinhas. Dependências de empregada ficam no térreo ou no sótão. Na época, era costume morar em pensões.

As famílias vivem ali sem a preocupação que lhes dão os criados. O encarregado dos apartamentos de tudo se incumbem.

106 THÉO FILHO. *Ao sol de Copacabana*. p. 40.

107 CARDOSO, Elizabeth. *História dos bairros: memória urbana*. p. 70.

A vida ali, para os hóspedes, não é de apreensões como nas casas de aluguel: é o elogio silencioso da comodidade.

O beira-mar 8 ago 31

O arranha-céu torna-se “um objeto de exaltação coletiva.”¹⁰⁸ Precisando adorar qualquer coisa, o homem contemporâneo fez do arranha-céu sua catedral.

Afirma *O Beira-mar*:

Há quem condene, como inestéticos, os arranha-céus, e diga deles coisas inexatas, grosserias malélicas, leviandades (...) O arranha-céu é um sinal da presente época, época das aeronaves, da teleaudição, da eletrificação e do automobilismo.¹⁰⁹

A transição das construções unifamiliares para os prédios de apartamentos envolve uma mudança no conceito de família, rumo ao individualismo.

Arranha-céus foram surgindo e continuam aparecendo; pequenas ruas foram nascendo, os habitantes do Rio parecem correr em massa para morar em Copacabana, muitas vezes deixando casas grandes e jardins em outros bairros.¹¹⁰

Uma diferenciação importante que se operou nos edifícios de apartamentos foi a valorização do setor social – a “sala de visitas” – e a desvalorização do setor de serviços – a cozinha e a área – deslocando o tradicional centro de convivência familiar. Nesse aburguesamento da moradia, paralelo ao aburguesamento da família, a mulher saiu da cozinha, dos fundos da casa, para assumir o papel de madame. Morar em apartamento torna-se um passaporte reconhecido para a ascensão social. Em 1931, os prédios recebem a denominação de palacetes, atribuição equivalente à das casas isoladas, como forma de conferir-lhes o mesmo grau de distinção.

Há modificações profundas que dizem com o “morar”. A pouco e pouco na classe rica infiltra-se o hábito de se preferir a casa à chácara, e afinal o apartamento à casa. Há razões de limitação tanto como de economia: valorização de terrenos,

108 RIBEIRO, Otávio. *Carradas de razões...* p. 39

109 *O beira-mar*, 8 mai 35. In: ENEIDA; BERGER, Paulo. *Copacabana*.

110 *Correio da Manhã*, “Suplemento da Cidade de Copacabana”, 1957 In: ENEIDA, Op. cit.



Durante a guerra, quando submarinos alemães começaram a afundar navios mercantes brasileiros, em Copacabana, que já tinha fachadas para o mar, moradores e comerciantes vizinhos à praia receberam ordens de manter as luzes apagadas ou colocar cortinas escuras nas janelas. Os postes da avenida Atlântica chegaram a ser pintados de preto, e na praça do Lido objetos de metal doados pela população formavam uma pirâmide, matéria-prima para a produção de armas

OC7M Três noites de “black out” no Rio

O *Cruzeiro*, 19 set. 1942, p. 12/13



A vida social transfere-se do interior das residências para a rua

OC5M O natal na praça do Lido

O *Cruzeiro*, 26 dez. 1942, p. 4/5



1965

novas construções, crescimento da cidade – mas os efeitos são especialmente a favor da rua, dos restaurantes, dos clubes, e em detrimento do antigo patriarcado da família reunida, dos serões íntimos, do aconchego do lar. Minguando o espaço, encolhem as salas, dispensa-se a sombra acolhedora e quieta das árvores em parques e pomares. A casa que se estreita convida menos e a rua passa a oferecer compensações aos encantos que o *home* vai perdendo. Na maioria dos arranha-céus de Copacabana a sala de visitas é a praia, são as calçadas. O restaurante, a casa de chá, os corsos, os *footings*, as vastas instalações dos grandes clubes, os espetáculos de *sport*, a crescente indispensabilidade do cinema diário ou quase – é a vida externa que abafa a antiga vida de família. Para muita gente, o apartamento é apenas o domicílio legal e o dormitório, e há que lembrar que o apartamento já é uma meia rua pelos mil tributos que rende à vida coletiva do prédio.¹¹¹

Reportagens sobre os primeiros moradores dos apartamentos do bairro referem-se aos “estrangeiros e capitalistas”, aos “inquilinos de fino trato” e aos ricos. Copacabana serve, então, aos ricos e aos que querem se passar por ricos. Morar em prédio de apartamentos denota riqueza, saúde, higiene, privacidade, distinção, civilização, ascensão social, status, modernidade. É curiosa essa vinculação entre ser rico e morar em edifício, uma vez que as antigas habitações coletivas das classes trabalhadoras eram sinal de pobreza, doença, insalubridade, aglutinação, promiscuidade, mistura, degradação social, atraso cultural. Para essa radical inversão de valores contribuem diferentes fatores de ordem material e/ou simbólica que se articulam, moldando o senso comum, entre eles o cuidado na construção dos novos prédios, em que distinção e luxo evidenciavam-se nos detalhes: entradas de grandes dimensões, lustres de cristal ou alabastro, linhas *art nouveau* e posteriormente *art deco*. O *art deco* baseava suas linhas e volumes em projeções futuristas, condensando todos os símbolos do mundo moderno, da ciência e das técnicas: linhas retas, planos ortogonais, metais cromados, cores industriais, plásticos, mobiliário mínimo, sóbrio e objetivo. Dos banheiros, chamados salas de banho ou *water closets*, até os nomes dos edifícios, tudo denotava a intenção de riqueza dos moradores: Rex, Imperator, Magestic, Glória, Éden. A ostentação e o luxo da nova burguesia eram representados pelo Copacabana Palace Hotel e pelos prédios de apartamentos que surgiam em torno dele até a praça do Lido, área chamada de “Coração de Copacabana”.

111 *Revista Sul América*, 1940. *Circuito Copacabana*.



Cassino Atlântico



A elegância no *footing* e o cinema Rian, inaugurado em 1932 e demolido em 1983

<http://tertulhas.blogspot.com/2008/12/os-cinemas-de-copacabana-saudades.html>

Hotel ou apartamentos – Prédio novo em Copacabana (...) prédio com 10 pavimentos, podendo ser utilizado como hotel ou casa de apartamentos. O pavimento térreo destina-se ao restaurante, copa, cozinha, escritório e dependências; os outros pavimentos estão divididos em quatro apartamentos cada um, com um total de 11 quartos e 4 banheiros em cada pavimento. Construção de acabamento esmerado com instalações sanitárias luxuosas. Vista para o mar em todos os quartos, telefone e fogareiro em cada apartamento. O prédio fica na rua Copacabana, 150, junto ao Copacabana Palace Hotel.¹¹²

A modernidade vem romper as tradições ligadas às origens, promove deslocamentos populacionais e mudanças de meios de ganhar a vida. Uma nova ideologia faz, então, da liberdade, da ascensão social através do consumo e das aparências, ilusões desejadas. A mudança na organização familiar provocada pela adoção de um novo modo de viver encontra seu paralelo na distribuição do espaço nos prédios de apartamentos. A partir de 1935, começa a se definir o padrão de apartamentos com unidades privativas completas, com a marca registrada das habitações multifamiliares brasileiras: circulação social e de serviço independentes entre si. Em relação à arquitetura, os prédios inovam na planta: uma circulação interna para todos os cômodos, o uso externo de revestimentos nobres, varandas e balcões com parapeitos de alvenaria, em semibalanço ou totalmente embutidos no corpo das edificações.

O crédito imobiliário e o desenvolvimento das construções pelo sistema de incorporação propiciam a um maior número de pessoas adquirir um apartamento em Copacabana, gerando o primeiro *boom* imobiliário já em 1940, como parte do processo de verticalização habitacional do Rio de Janeiro. A pressão dos incorporadores imobiliários junto à administração pública possibilita a concentração de novos prédios de apartamentos na avenida litorânea ao longo das décadas de 30 e 40, formando uma massa compacta de prédios sem recuos frontais ou laterais, o que, na prática, priva os moradores do interior do bairro da sensação de estar a metros da praia e dos ventos marítimos.

As alterações das condições de inquilinato e as facilidades de crédito foram responsáveis pela proliferação de apartamentos minúsculos, nos edifícios de quitinetes e conjugados, habitações compactas, sem luz ou aeração condizentes com o clima carioca, chamados pelo

¹¹² *Jornal do Commercio*. 16 set 1928. *Circuito Copacabana*.



Anúncio de lançamento do Edifício Chopin, ao lado do hotel Copacabana Palace, em 1956.

O Edifício Chopin foi o primeiro prédio de Copacabana a ter janelas panorâmicas de vidro.



Praça do Lido com seu restaurante



Avenida Atlântica em 1956

povo de “cabeças de porco”, sucessores dos antigos cortiços. Os grandes prédios com muitos apartamentos conjugados, pela quantidade e heterogeneidade de ocupantes, é muitas vezes palco de confrontos e tumultos, como lembra Gilberto Velho.¹¹³ Muitos deles passam a ser malvistas e estigmatizados, como o notório Barata Ribeiro 200.

A ascensão de Copacabana como bairro moderno do Rio não se deu sem resistência. O bairro de elite em 1940 era a Tijuca; também Botafogo, com suas grandes casas; um pouco o Flamengo, em virtude da vizinhança com o poder; Laranjeiras e Cosme Velho recebiam a intelectualidade; o Méier era muito considerado, mas Copacabana não era “lugar de criar moça solteira”.

Diz a revista *O Cruzeiro*:

Nos dois mundos antagônicos do Rio de Janeiro se forjaram dois estilos de vida totalmente diversos. Aqui não falamos, é claro, de meio-termo, mas do que são, caracteristicamente, a Zona Sul e a Zona Norte. A Zona Sul, que começa propriamente no Flamengo, é a civilização do apartamento e das praias maliciosas, do traje e dos hábitos esportivos, da *boite* e dos pecados à meia-luz, dos enredos grã-finos, do *pif-paf* de família, dos bonitões de músculos à mostra e dos suculentos brotinhos queimados do sol, dos conquistadores de alto coturno e de certas damas habitualmente conquistáveis, do *short*, do blusão e do *slack*, dos hotéis de luxo (e de outros de má reputação) e dos turistas ensolarados. O Rio cosmopolita está na Zona Sul, onde uma centena de nacionalidades se tropicalizam à beira das praias. A Zona Norte é Brasil 100%. A gente mora largamente em casas (muitas com quintal) e a casa impõe um sistema diferente de vida: patriarcal, conservador. Vizinhança tagarela e prestativa, garotos brincando na calçada. Reuniões na sala de visitas. Solteironas ociosas e mocinhas sentimentais analisando a vida que passa debaixo das janelas. Namoro no portão, amor sob controle – para casar. Festinhas familiares, de baixa dosagem alcoólica. A permanente compostura no traje, ajustada com a do procedimento. Paletó e gravata. Mais *toilette* que vestidos, mais área coberta nos corpos femininos. Vida mais barata. Empregada de 300 réis. Menos água, mais calor. Diversão pouca, nada de *boite* e *night-club*. Vida menos agradável aos homens, mais abençoada pelos santos.

Zona Sul – Zona Norte, paraíso e purgatório do Rio. Sair do purgatório e ganhar o paraíso é aspiração de quase todos, mas há quem prefira, sinceramente, a vida simples e provinciana dos bairros e subúrbios do norte. Para muitos a Zona

113 VELHO, Gilberto.

Sul não é o paraíso mas o inferno da perdição. Onde Copacabana dita a imoralidade, o aviltamento dos costumes, a frivolidade e a boemia.¹¹⁴

Em julho de 1943 comemorou-se o primeiro cinquentenário de Copacabana, que contava com 110 quarteirões em 5,6 km². Copacabana era então o laboratório de novidades e atitudes estrangeiras, que se misturavam a ingredientes locais ajudando a compor o jeito carioca. Era um estilo que não agradava a todos. Os jornais paulistanos, por exemplo, criticavam regularmente a nova sociedade que surgia em Copacabana, acusando-a de não preservar um pretensão “modelo de brasilidade”.

De balneário europeu com casas e chalés em amplos pomares, Copacabana transformou-se, durante a década de 1940, em sua imagem icônica: a barreira compacta de prédios entre o mar e a montanha. O comércio varejista contava, então, 793 estabelecimentos, e a população do bairro chegava perto dos 75 mil habitantes.¹¹⁵

A população foi se adensando rapidamente. As pessoas se acomodavam em pequenos apartamentos, chegando aos famosos JK (janela e kitchenette), também conhecidos como “já vi tudo”, levando à saturação já na década de 1950, quando Copacabana figurava entre as 10 maiores cidades do Brasil.¹¹⁶

A vida noturna da cidade foi transferindo-se definitivamente para Copacabana, dividida entre seus dois cassinos, o Copacabana, no Hotel Copacabana Palace, e o Atlântico, na avenida Atlântica, esquina com a rua Francisco Otaviano.¹¹⁷

Em 1946, o presidente Dutra fechou os cassinos (seguindo os conselhos da então primeira-dama, D. Santinha, de que acabasse como aqueles “antros de pouca vergonha”), atingindo diretamente o meio artístico. A recuperação viria com uma transferência da boemia da Lapa para as boates em Copacabana, ampliando e diversificando a vida noturna do bairro.

A partir de 1950, a vida noturna sofisticou-se com a abertura das boates Sachá's, Drink, Plaza, Arpège, Jirau, Farolito, Bacará, Little Club, Ma Griffe, Beco das Garrafas, Bottles, e com os bailes do Hotel Excelsior.

114 *O Cruzeiro*, s/d, Circuito Copacabana.

115 Circuito Copacabana

116 *Correio da Manhã*, 2 mar. 1941, ENEIDA; BERGER, Paulo. *Copacabana*.

117 O tema dos cassinos de Copacabana será amplamente desenvolvido no próximo capítulo.

A condição do Rio de Janeiro como capital da República, antigo Distrito Federal até 1960, levava a que ali viessem morar políticos, burocratas e técnicos de um modo ou de outro ligados ao Estado Nacional. (...) Acrescente-se a estes o pessoal do corpo diplomático e os representantes de grandes empresas internacionais. A famosa “princesinha do mar” tornou-se um lugar feérico, com uma vida noturna intensa que apresentava várias opções e alternativas para gostos os mais variados. Por exemplo, além da fama de suas mulheres bonitas, fartamente propagandeadas, o bairro tornou-se também um importante centro *gay*.¹¹⁸

Segundo Gilberto Velho,

Copacabana passa a ser, juntamente com seus atrativos naturais originais, *locus* privilegiado da sociedade de consumo do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil. Poderíamos dizer que o seu apogeu se dá entre o final da Segunda Grande Guerra (1945) e meados dos anos 1970. Já nos anos 1950, sobretudo a partir do governo Juscelino Kubitschek, com a onda de desenvolvimento que atinge o país, novas mudanças vão alterar a situação social do bairro. O crescimento do consumo e a mobilidade social geram novas aspirações e expectativas de estilos de vida. De início, são principalmente famílias de camadas médias que têm como projeto mudar-se para Copacabana (ver Velho 1973 e 1999). Vêm de outras partes da cidade, da própria Zona Sul, do Centro, da Zona Norte e depois mesmo dos subúrbios. Boa parte dos novos moradores origina-se de outros estados, além dos estrangeiros que, desde o princípio, viam em Copacabana um bairro de sua predileção.¹¹⁹

Com a expansão dos pequenos apartamentos conjugados e a popularização do bairro, a inauguração do “primeiro shopping center do mundo”, o Cidade de Copacabana, em 1957, e do Centro Comercial de Copacabana, na esquina da avenida N. Sra. de Copacabana com a rua Siqueira Campos, na mesma época, o bairro foi aumentando sua população. Em 1950, 10% de sua população já vivia em 14 favelas, somando 10.700 habitantes.

Nos anos 1950, foram inaugurados em Copacabana os cinemas Caruso, Ricamar, Alvorada, Art-Palácio, Condor, Riviera e Paris Palace. Nas décadas de 1960 e 70, a especulação imobiliária ganhou impulso com a criação do Sistema Financeiro da Habitação e a libera-

118 VELHO, Gilberto. “Patrimônio, negociação e conflito”, *Mana*.

119 Idem

ção dos gabaritos dos prédios; aterrou-se e alargou-se a faixa de areia da praia, construindo-se o calçadão. Nos anos 1970 havia no bairro 700 habitantes/hectare, contra 45 na década de 20. Havia 100 mil automóveis e 60 mil vagas. Prédios antigos eram derrubados para que outros, mais altos, fossem construídos. Copacabana torna-se cenário de trânsito intenso, além de passagem para outros bairros. Dizia-se que se toda a sua população descesse às ruas ao mesmo tempo não caberia nas suas calçadas.

Copacabana, que com sua maravilhosa praia, hoje célebre em todo o mundo, e a beleza alpestre dos seus limites do lado oposto do mar, bem podia ser um recanto do paraíso, há muito está, deploravelmente, convertida num verdadeiro inferno. Começa por ser um bairro de densidade demográfica já excessiva, que conta apenas com duas vias de acesso. Mas, afinal, isto, apesar dos seus tremendos inconvenientes, não é o pior. Há a falta d'água, as ruas esburacadas, as calçadas impedidas por montes de material de construção e até por muros inconcebíveis, como, por exemplo, aqueles que se veem na avenida Nossa Senhora de Copacabana, entre as ruas Fernando Mendes e Rodolfo Dantas. Dir-se-ia que os citados muros se erguem absurdamente, incrivelmente, ali, barrando a calçada, para mostrar a quantos passam pela movimentadíssima avenida que tudo é possível em Copacabana...

As mazelas de Copacabana, *O Globo*, 19 mai. 1954.

A partir dos anos 1980, Copacabana sofre um processo de esvaziamento, envelhecimento e decadência. O progressivo declínio social dos moradores do bairro acompanha o envelhecimento de sua população. Copacabana é atualmente o bairro do Brasil com maior concentração de idosos.

Estes [idosos] são os que chegaram nos anos 40, 50 e 60 do século XX e que optaram por permanecer por diversas razões. A maioria, apesar da insegurança e da violência crescentes, valoriza o relativo conforto ainda oferecido através de farmácias, postos médicos, clínicas, comércio em geral, além das possibilidades de lazer oferecidas pela praia, reforçada pelo calçadão construído no início dos anos 1970. Há também aqueles que não têm recursos para dali saírem e tentarem morar em locais de nível social comparável à Copacabana do passado.¹²⁰

120 Ibidem.

Hoje, no noticiário dos jornais, Copacabana está associada a aglomeração, violência e prostituição. A saturação populacional transformou a “Princesinha do Mar” em “erro urbanístico” ou “selva de pedra”, tornando-se a palavra “copacabanização” sinônimo de deterioração da qualidade de vida, desleixo e pilhagem urbanos.

Copacabana, apesar de sua decadência, ainda é uma atração importante para vários tipos de turismo, assim como para boa parte dos moradores da cidade e do estado do Rio de Janeiro. De qualquer forma, é inegável a grande mudança que ocorreu desde o “paraíso à beira-mar” até a situação atual de caos urbano, prédios deteriorados, população de rua, comércio ilegal e várias formas de violência.

Dois tópicos merecem destaque: o banho de mar e o Hotel Copacabana Palace.

4.3.2 O banho de mar

Um mito, para exercer-se em sua totalidade, atende a algumas prerrogativas. Uma delas é que pareça sempre haver existido, como uma força da natureza.¹²¹ Mas, ao contrário do que possa parecer, no Rio de Janeiro o banho de mar é uma prática recente: datam do início do século XX as recomendações médicas de banhos, mas antes do nascer do sol, e com os corpos protegidos da ação “maléfica” de seus raios.

Até o início do século XX a cidade era indiferente à praia. Não se cuidava da cultura física. Os moços usavam meia-cabeleira, bigodes de anzol, bengala e cartola; as moçoilas, românticas e pálidas donzelas, dependuravam-se às janelas dos sobrados, mordendo lencinhos de renda que cheiravam a água-florida. Tipos atléticos eram olhados com espanto.

As casas de banho, abertas junto às praias do Boqueirão e de Santa Luzia para que as senhoras que atendiam a prescrições médicas por banhos de mar pudessem trocar de roupa, tinham as paredes de tábuas repletas de furos, obrigando-as a forrá-las com lençóis para fugir de olhares inconvenientes, mesmo de madrugada...

A partir das reformas de Pereira Passos e da incorporação da praia como um dos principais “espaços de respiração” da cidade, Copacabana passou a fazer parte do grande projeto de remodelação



O guarda-vidas. Foto Augusto Malta

121 BARTHES, Roland. *Mitologias*. p. 158.



Leme em 1908



Os banhistas. Foto Augusto Malta, anos 1920



Duas visões da praia, nos anos 1940 e 1950

urbana empreendido pela municipalidade, superando o boqueirão do Passeio e a praia de Santa Luzia, localizadas no Centro, como balneário de “gente bem”.

Eram tão raros os banhistas que, em crônica publicada na *Revista da Semana*, em 1903, um entusiasmado Oto Prazeres descreve:

Foi na praia do Flamengo. Via-se de roupão de banho, cujas dobras mais salientavam, um verdadeiro modelo de estatuária grega. Atirou-se à água, e se não fosse a flanela, que lhe cobria a extraordinária plástica, poderia ser comparada à Vênus... Fitei-a; fitei-a de uma maneira capaz de deixar em seco todo o molhado reino de Netuno. Saiu. Passou-me por perto, pingando, e o meu olhar teve maior eloquência que um volume inteiro de discursos.¹²²

Decreto do prefeito Amaro Cavalcanti, de 1917, estabelece o regulamento para uso das praias da cidade, permitindo o banho de mar até às 9 horas da manhã ou a partir das 17 horas, com obrigação do uso de roupões longos, norma que as moças de Copacabana burlam, deixando os roupões entreabertos, a entrever as pernas...¹²³

Depois do banho de mar matinal, todos iam beber seu copo de leite, ao pé da vaca, num estábulo da Rua Barata Ribeiro...

Uma vida saudável, no sentido atual de saúde, começa a se desenhar como possibilidade junto com a adoção de uma postura moderna que favorece o movimento, seja nos esportes, na dança como divertimento social, nas imagens que deslizam nas telas de cinema, nos carros que adquirem velocidade, nos corpos expostos e coloridos pelo sol, numa estética que privilegia a juventude em detrimento

122 BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em prosa e verso*.

123 O decreto que regulamentava o banho de mar preconizava que:

O banho só será permitido de 2 de Abril a 30 de novembro das 6h às 9h e das 16h às 18h. De 1 de dezembro a 31 de março das 5h às 8h e das 17h às 19h. Nos domingos e feriados haverá uma tolerância de mais uma hora em cada período.

Vestuário apropriado guardando a necessária decência e compostura.

Não permitir o trânsito de banhistas nas ruas que dão acesso às praias, sem uso de roupão ou paletós suficientemente longos, os quais deverão ser fechados ou abotoados e que só poderão ser retirados nas praias.

Não permitir vozerios ou gritos, que não importem em pedidos de socorro e que possam alarmar os banhistas.

Proibir a permanência de casais que se portem de modo ofensivo à moral e decoro públicos nas praias, logradouros e nos veículos.

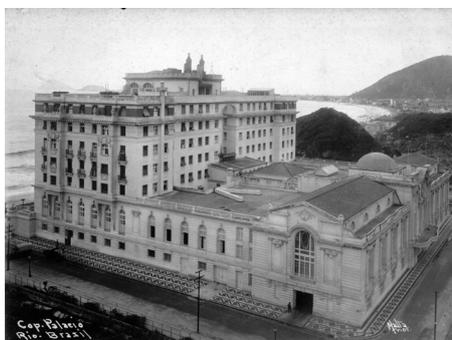
Circuito Copacabana.

to da idade madura, uma eugenia que valoriza o corpo do ginasta, uma ética onde as relações se exercem no espaço público, e um lugar onde pessoas podem viver essas transformações de costumes corajosamente.

O valor máximo passa a ser a ideia de saúde, sua condição básica, a limpeza, e sua prova patente, a beleza. Três palavras de ordem: profilaxia, higiene, eugenia.¹²⁴ O cuidado com a saúde é incentivado como autoestima, confiança, combatividade: “a saúde é, enfim, a chave de um corpo moderno”, que se vale de tônicos, modeladores, aparatos elétricos, banhos de mar, passeios ao ar livre, estâncias hidrominerais.

A possibilidade de mudança para um estilo de vida mais descontraído, esportivo e ameno foi importante, na medida em que a “cultura da praia” foi se desenvolvendo, estabelecendo novos padrões lúdicos e estéticos. Esse fenômeno não se confinou a Copacabana, produzindo efeitos nas praias e nos bairros que lhe seguiram, como Ipanema e Leblon.

4.3.3 O Copacabana¹²⁵



O “Copa” ainda é, em certo sentido, o salão mais elegante da cidade, uma vez que remete a uma época que procurou se definir pela elegância como qualidade diferenciadora

Fotografias de Augusto Malta, anos 1920

A ideia de construir um hotel-balneário elegante, que pudesse hospedar reis e atraísse o interesse do mundo, partiu do presidente Epitácio Pessoa, por ocasião das celebrações do Centenário da Independência (1922). Epitácio propôs a empreitada a Otávio Guinle, dono do Hotel Palace, na época o melhor do Rio, cuja família havia ganhando a concorrência para construir e explorar o porto de Santos por cem anos, em 1886, tornando-se a mais rica família do país. O magnata condicionou a sua aceitação à inclusão de um cassino no hotel, como forma de viabilizá-lo financeiramente. A condição foi aceita, mas o hotel só foi inaugurado um ano depois do centenário e o jogo só foi liberado no Brasil em 1933.

Otávio Guinle comprou uma quadra em Copacabana e lançou no mercado títulos resgatáveis da Companhia de Hotéis Palace, fundada para gerir seus negócios no setor hoteleiro. O arquiteto francês Joseph Gire projetou o hotel, um prédio majestoso, com fachada inspirada nos hotéis Negresco e Carlton, da Côte d’Azur. Os operários contratados para a construção eram estrangeiros. Até o cimento foi

124 SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 575.

125 BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace: um hotel e sua história*.



Um sistema de bombas alimentava as piscinas do Copacabana Palace com água do mar

Sombra, n. 3, ano 1, 1941

trazido da Alemanha. As fundações chegavam a 14 metros de profundidade e para proteger as estruturas das ressacas foi necessário construir uma barreira subterrânea.

O hotel foi projetado não apenas como uma casa de hospedagem, mas também para ser um ambiente sofisticado de lazer e diversão. Famoso pelo atendimento, era controlado pessoalmente por Otávio, que fixou residência na suíte B. Diz-se que ele mantinha em sua suíte um aparelho de escuta para conferir se os espetáculos em cartaz estavam começando na hora certa. Apesar do calor carioca, jamais permitiu a entrada de cavalheiros sem paletó e gravata nas salas de espetáculos. Elaborou um código dos empregados que se tornou símbolo de sua época, em que condenava

a impertinência no olhar, atitudes, palavras e gestos; a inatividade nas horas mais necessárias ao serviço; a indiscrição, a curiosidade; o interesse excessivo visando simplesmente ao proveito monetário; a vaidade; a negligência na indumentária e no asseio pessoal. (BOECHAT. 2000: 125)

Boechat relata que um holofote naval instalado no terraço saudava em código Morse os navios que do horizonte se aproximavam do porto do Rio. Os espaços eram generosos e a decoração importada: lustres tchecos, mobiliário sueco, tapetes ingleses, cristais Baccarat e porcelanas de Limoges.

Para servir 230 apartamentos, havia mais de mil funcionários próprios, contingente incomum até nos grandes hotéis da Europa. Ainda assim, as diárias equivaliam a menos de 10 dólares, com pensão completa e transporte gratuito para o centro da cidade, numa linha exclusiva de jardineiras.

Conforme Cláudia Mesquita,

A inauguração do Copacabana Palace Hotel, em 1923, provocou rápida valorização das áreas litorâneas da cidade e lançou a tradição das fachadas e janelas voltadas para o mar, tornando-se um dos monumentos em torno do qual a mística da “cidade maravilhosa” e cosmopolita se fixou e se expandiu para dentro e para fora do país. O “Copa”, assim chamado com a típica intimidade carioca, acompanhou *pari passu* a transferência da estética *belle époque* do centro para Copacabana, estimulando a construção de prédios *art déco* e o lançamento pelas famílias elegantes da moda do *footing* no calçadão, nos anos 30 e 40. (DIAS. 2008:84)



Casamento nos salões do Copa

Sombra, n. 7, ano 2, jan./fev. 1942



O show no *Golden Room* segue o modelo dos musicais americanos

Sombra, n. 48, ano 5, nov. 1945

O *Jornal do Commercio* anunciava, em 14 de agosto de 1923, a primeira noite de gala do hotel:

De suas *terraces* perdidas ao longo do real opalino, e zombando das intempéries do domínio das ondas, os seus hóspedes devassarão todo o horizonte insondável do mar e as belezas naturais das nossas cordilheiras de montanhas. No interior de seus *halls* contemplarão eles as cores múltiplas dos *plafonds* soberbos e riquíssimos. Rematando a parte sul do Copacabana Palace está erigido o cassino, que com sua escadaria de mármore de Carrara e jarrões de bronze veneziano vai completar as delícias do hotel. No seu interior, os dilettantes encontrarão encantadora *boite* do teatro e o recanto luculiano do Grill Room com suas finas iguarias. Os *dinerdands*, os *thé* elegantes e as demais reuniões que o nosso *grand monde* tanto aprecia ali serão realizadas com carinho e grande *chic*. (BOECHAT. 2000: 42)

O “livro de ouro” do hotel traz a assinatura das celebridades que construíram a sua fama, transformando o Copa numa fonte internacional de mexericos. Lá, o príncipe Eduardo (príncipe de Gales), protagonizou uma história de amor. Eduardo apaixonou-se por Negra Bernardez, uruguaia, mãe de dois filhos, que conheceu em recepção em casa de Otávio Guinle; lá também o presidente Washington Luís foi baleado por uma amante.

Dos apartamentos mais altos os turistas puderam ver a passagem do Zepelin e a inauguração do Cristo Redentor, em 1931. Em 1933, Vargas revogou a lei que proibia os cassinos, e o Cassino Copacabana pôde ser aberto ao público.

Os bailes do Copa são famosos: o fim da guerra, em 1944, foi comemorado com dois dias de bailes no hotel; a semana do Sweepstake, promovida todos os anos pelo Copa, incluía sete dias de bailes e festas que coincidiam com o Grande Prêmio Brasil, a principal competição do turfe brasileiro.¹²⁶ Em 1933, a sociedade mandou confeccionar na Europa trajes imperiais para o primeiro baile de carnaval do Copa. Com o passar do tempo, os convites para o baile tornaram-se tão disputados que era preciso reservá-los com um ano de antecedência. Até 1973, quando foi interrompido, o baile do Copa dividiu com o baile do Municipal a condição de mais elegante do Brasil.

O Clube dos Cafajestes, que existiu entre os anos 40 e 60 e teve como sede social a piscina do Copa, era formado por rapazes de alta

126 *Sombra*. ref. B53. “O baile do sweepstake no Copa”



Terraço e entrada principal do Hotel

sociedade, como Nelson Baptista, Antenor Mayrink Veiga, Horácio Carvalho e Armando Serzedello Corrêa, e intelectuais. Eles protagonizaram as histórias mais irreverentes da época, como a carreata de protesto de 1949, para responder à chefatura de polícia, que proibira em Copacabana a presença de banhistas trajados apenas de calção ou maiô, sem blusa. Na carreata, de fraques e cartolas, desfilaram em carros abertos pela avenida Atlântica tendo ao lado prostitutas de maiô com casacos de peles.

O colunista social Ibrahim Sued tinha mesa cativa à beira da piscina, onde recebia informações para sua coluna diária.¹²⁷

O *Golden Room* foi a primeira casa de espetáculos de Copacabana. Na noite de inauguração, a casa lotou, com 400 convidados em trajes de gala. Cada um deles pagou o equivalente a 30 dólares (uma fortuna para a época) pelo privilégio de ver e ouvir, com direito a ceia, o *chansonier* Maurice Chevalier. A partir de 1944, com a contratação de um produtor austríaco, o barão Max von Stuckart, o *Golden Room* criou um conceito de teatro musicado que, durante muitos anos, empolgaria as plateias com o requinte da cenografia, o luxo dos guarda-roupas, a criatividade dos roteiros e a plástica irretocável das vedetes. Para o espetáculo de estreia, “Em busca da beleza”, o barão selecionou “as mais lindas *girls* brasileiras”. Entre elas, Maria Della Costa. Outro destaque do musical era a jovem bailarina russa Tatiana Leskova.

Em 1933, o cinema americano descobriu Copacabana com “Voador para o Rio” (*Flying down to Rio*), estrelado por Dolores del Rio e que marcava a estreia de Fred Astaire e Ginger Rogers. O filme foi quase inteiramente rodado numa réplica de Copacabana montada nos estúdios da RKO em Hollywood. Multiplicaram-se as visitas de grandes astros ao Rio, principalmente depois que a Europa mergulhou na Segunda Guerra Mundial, entre eles Tyrone Power (1938), Henry Fonda (1939), Errol Flynn (1940), Bing Crosby e Douglas Fairbanks Jr (1941) e Walt Disney (1942). Carmen Miranda se hospedou com a família no hotel, em 1954, durante quatro meses.

Durante muito tempo, entre os anos 1940 e a fundação de Brasília, o Copacabana dividiu com o Palácio do Catete a condição de grande ninho das tramas políticas nacionais. O restaurante Bife de Ouro, o bar e o anexo, inaugurado em 1946, formavam naquela época um triângulo onde segredos de Estado, acertos partidários e conspirações golpistas estavam na ordem do dia ou, mais ainda, da madrugada.

127 BOECHAT, Ricardo. Op. cit., p. 75.

da. E, na busca de notícias que muitas vezes circulavam ali antes de chegarem ao Congresso, os jornalistas eram presença comum.¹²⁸

O teatro Copacabana, inaugurado em 1949, era o maior da zona sul. O Copa também abrigava exposições, e os 264 quartos exibiam gravuras aquareladas de Portinari.

O programa “Ritmos da Panair” transmitia de madrugada, ao vivo, pela Rádio Nacional, o som da boate; as “Tardes Musicais no Salão Verde” contavam com o pianista Freddy, ambientando os chás beneficentes das senhoras da sociedade; e os desfiles de modas, que sempre haviam acontecido ali, se intensificaram em 1951, com os Desfiles Bangu.¹²⁹

O *Golden Room* fechou em 1972.

128 Idem. p. 99.

129 Ibidem. p. 117.